

O USO DA TRADUÇÃO DE TEXTOS JORNALÍSTICOS EM SALA DE AULA

Valdecy de Oliveira PONTES¹⁰¹

Daniela Nogueira de SOUZA¹⁰²

Resumo: Neste trabalho, expõe-se como a tradução pode ser usada, de forma positiva, em sala de aula de língua estrangeira (LE). Por muito tempo, a tradução foi eliminada de sala de aula, já que se acreditava que ela interferiria no desenvolvimento das habilidades que envolvem a competência linguística. Aqui, serão apresentados argumentos a favor do uso de atividades tradutórias em sala de LE e expostas sugestões de exercícios, a partir de textos do gênero jornalístico.

Palavras-chave: Tradução pedagógica. Tradução jornalística. Ensino/aprendizagem de LínguaEstrangeiras.

Abstract: *This paper shows how translation can be positively used in foreign language classes. For a long time, the translation had been eliminated from the classroom, since it was believed that it would interfere with the development of skills that involve language proficiency. In this paper, arguments will be presented in favor of the use of translational activities in foreign language classroom and suggestions of activities from newspaper texts will be shown.*

Keywords: *Pedagogical Translation. Journalistic Translation. Teaching/learning of a Foreign Language.*

¹⁰¹ Pós-Doutor em Estudos da Tradução - UFSC e Doutor em Linguística – UFC; Professor do Departamento de Letras Estrangeiras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará – UFC; Líder dos Grupos SOCIOLIN-LE/UFC/CNPq e TRAFE/UFC/CNPq . valdecy.pontes@ufc.br

¹⁰² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução - UFC. daniela9131@gmail.com

Introdução

O uso da tradução em sala de aula foi, por muito tempo, rejeitado pela comunidade científica. Isso se deveu a presumidas teorias pedagógicas, mas também a preconceitos e estereótipos didáticos de baixa comprovação. A tradução é entendida, atualmente, como uma atividade comunicativa, que desempenha um papel colaborativo no ensino de língua estrangeira, ao aperfeiçoar o conhecimento da língua materna e da língua inglesa, por meio do uso de interlíngua.

Com a finalidade de aprimorar esse processo, atuando como suporte para a educação, é importante refletir sobre a função dessa atividade comunicativa para a aquisição de uma segunda língua e o fortalecimento de competências linguísticas pelo indivíduo. Ridd (2009) é enfático ao assegurar que é indiscutível, nos dias de hoje, a relevância da tradução no ensino/aprendizagem de língua estrangeira. Para ele, o debate corrente é quanto às funções que a tradução pode e deve desempenhar e por quais meios é possível obter o maior proveito da atividade que é tão complexa, porém instigante.

Tomando por base o pensamento do autor citado, ressalta-se o reconhecimento do papel da tradução como contraponto da integração constantemente procurado durante o ensino de língua estrangeira, quanto à identidade de quem aprende uma segunda língua. Conforme argumento utilizado pelo estudioso, “a tradução permite ir à terra estranha sem desvincular-se das próprias raízes culturais – viajar sem se exilar”. (RIDD, 2009, p. 143)

A possibilidade de analisar textos do gênero jornalístico contribui para o estudo interdisciplinar, ao avaliar também as notícias e, conseqüentemente, as especificidades do gênero que abriga esse tipo de texto. Além disso, é válido mencionar que a tradução jornalística ainda tem uma bibliografia rara no campo dos Estudos da Tradução. Embora a interculturalidade presente entre as áreas seja evidente, são necessárias mais pesquisas com o fim de desenvolver os temas nesses campos de estudo. A ligação entre tradução, tradução jornalística e ensino de língua estrangeira é intensa, e esse elo reforça as múltiplas alternativas de estudos no meio acadêmico.

Ao analisar um produto jornalístico no contexto da tradução, busca-se promover a discussão do gênero específico e contribuir para o processo de ensino de língua estrangeira. Uma intenção é convencer o professor de língua estrangeira (LE) que a tradução é um elemento auxiliar no processo de aquisição e desenvolvimento de LE. Além do incremento no

léxico, a atividade apoia a expressão de uma visão crítica e a reflexão acerca dos processos culturais das línguas envolvidas.

Ao fazer uso de textos autênticos, como o jornal, o professor tem a oportunidade de abordar o contexto no qual os alunos estão inseridos, despertando, desse modo, maior motivação no processo de ensino-aprendizagem, que se torna mais significativo. Um material autêntico deve fazer parte da realidade dos alunos e pode se tornar uma importante ferramenta aliada do professor. Além disso, é preciso ter em mente que o processo de ensino-aprendizagem não se restringe ao âmbito escolar. Assim, o uso de materiais autênticos possibilita a reinvenção de situações reais. E essa “comunicação real” é essencial no ensino de LE.

Quando preza pela autenticidade dos materiais de que faz uso, o professor atinge um dos objetivos da aprendizagem, permitindo que o aluno tenha a oportunidade de contato com contextos reais extrassala de aula. Enquanto instrumento pedagógico, o material autêntico deve ser usado em sala de aula de LE com alguns cuidados. Por exemplo, devem ser observados o objetivo comunicativo e sociocultural do texto, a origem, a autoria e o contexto em que ele foi produzido.

Com o uso pedagógico dos textos autênticos (seja uma matéria de um jornal impresso, seja uma notícia de um site de notícias na internet), dá-se a chance de o aluno perceber que ali está um elemento representativo de uma cultura. Tomando por base, então, as abordagens funcionalistas, durante a recepção do texto, o leitor constrói sentido para um determinado fato que pode estar cultural e geograficamente distante dele.

Conforme o funcionalismo defendido por Christiane Nord (1997, apud POLCHLOPEK e ZIPSER, 2009), “as situações que determinam ‘o que’ e ‘como’ as pessoas se comunicam podem ser modificadas à medida que a comunicação ocorre e que outras variáveis são colocadas em prática”. (POLCHLOPEK e ZIPSER, 2009, p. 5) Observa-se, segundo esse pensamento, que as situações comunicativas estão dentro de ambientes culturais que as estabelecem; não sendo, portanto, padronizadas ou institucionalizadas. É nesse contexto que o ato comunicativo deve se adequar; ou seja, deve ser funcional.

A sugestão de atividades didáticas que façam uso da tradução usando textos jornalísticos em sala de aula, objeto deste artigo, representa um elemento de avanço dentro do processo do ensino de língua inglesa. Assim, coopera-se para o amadurecimento dos estudos

relacionados à tradução jornalística e ensino de língua estrangeira, além de, sobretudo, ajudar no processo de ensino e aprendizagem de segunda língua.

Faz-se relevante usar esse tipo de material em sala de aula, porque, ao ter contato com um texto do gênero jornalístico, os alunos se permitem a análise de abordagens sob diferentes perspectivas. Além disso, o professor tem à disposição um instrumento paralelo ao livro didático, o que enriquece a aula e coopera para envolver os alunos e motivá-los à aprendizagem. Como escreve Romanelli (2009, p. 216), “a tradução força os alunos a refletirem sobre o significado dentro de um contexto, e não somente manipular formas gramáticas de modo mecânico, o que ocorre em muitos exercícios estruturais”.

Neste trabalho, apresenta-se o conteúdo teórico geral que engloba o tema deste artigo nas seções “A tradução” e “O gênero”. Em “A tradução do texto jornalístico em sala de aula”, enfatizam-se os argumentos que circundam o assunto.

A tradução

Conforme as diversas abordagens nos estudos da área, a tradução foi excluída do processo de ensino e incluída nele por várias vezes, ao longo das décadas. Foi o centro da Abordagem Formalística e do Método da Gramática e da Tradução, que dominou a escola italiana até os anos 1970, que tinham como papel primordial a memorização de listas de palavras e a tradução de textos literários. Junto com o ditado e os exercícios de manipulação, a tradução era parte do conjunto principal das técnicas didáticas, como afirma Romanelli (2009, p. 205). Devido ao uso considerado exagerado, ela foi, gradativamente, sendo excluída da didática das línguas estrangeiras.

Desapareceu da sala de aula com o surgimento da Abordagem Direta de Berlitz, que enfatizava a comunicação oral e se baseava na “conversação com o docente nativo sem o uso de materiais específicos”. (ROMANELLI, 2009, p. 206). Voltou a ser usada como técnica didática, mesmo que parcialmente, nos anos 1930, com a Abordagem para a Leitura, que se desenvolveu nos Estados Unidos. No entanto, os exercícios de tradução não tinham teoria de referência, e o docente era apenas um guia, deixando a língua ser um instrumento de comunicação autêntico. A cultura da língua estrangeira não era relevante.

Com o Army Specialised Training Program (ASTP), abordagem surgida na Segunda Guerra Mundial, o estudante passou a ser visto como “o protagonista da sua aquisição, mas

deveria ser motivado pelo docente” (ROMANELLI, 2009, p. 206). Mais adiante, com a Abordagem Comunicativa, a tradução foi excluída do ensino em sala de aula.

A atividade comunicativa da tradução é vista, atualmente, por autores como Malmkjaer (1998, *apud* BRANCO, 2009, p. 186) e Lucindo (1997, *apud* BRANCO, 2009, p. 186), como um meio de oportunidade a “vários usos distintos, como ensinar a traduzir, aprimorar o conhecimento da língua materna e da língua estrangeira, nesse caso, do inglês, através da Análise Contrastiva, e aprimorar habilidades de leitura”. Os alunos tornam-se, então, mais ativos e passam a participar mais das atividades dentro de sala de aula, conforme os autores.

Apresentada, então, como atividade facilitadora no ensino de língua estrangeira, cabe debater o desenvolvimento do uso da tradução de modo significativo no ensino de línguas.

A utilização da tradução no ensino de línguas estrangeiras (LE) é um campo de interesse nos Estudos da Tradução, devido ao fato de haver a necessidade de se investigar como a tradução pode contribuir para a aquisição e aprendizado da língua estrangeira estudada. (BRANCO, 2009, p. 188)

Com o avanço dos Estudos da Tradução, passam a ser enfatizadas questões linguísticas, políticas e econômicas. Desse modo, é possível relacionar a teoria da tradução não somente à prática, mas também ao ensino da própria tradução e ao ensino de línguas estrangeiras.

Um tópico que deve ser considerado, quando abordado o binômio tradução-ensino de línguas, é a contribuição dada pelo autor André Lefevere (1990/1992, *apud* RODRIGUES, 2000), dada sua importância para os estudos contemporâneos. O entendimento que estabelece a tradução como reescrita e transformação é resultante da análise que faz do comportamento tradutório, relacionando-o às instituições, ao poder e à ideologia. Ao criticar a postura normativa, Lefevere considera a tradução uma reescrita sujeita ao mesmo gênero de coerções que a escritura. A partir da reflexão de Lefevere, destaca-se a criação de um novo texto com a tradução. Esse rico artifício que envolve os textos e as culturas receptoras deve fazer parte do processo de ensino e aprendizagem da língua estrangeira.

Afinal, o ato de traduzir é tido como um trabalho intelectual, e não apenas como a mera substituição de palavras. A tradução interlingual, por exemplo, refere-se à interpretação de signos verbais por meio de alguma outra língua, como analisa Jakobson (1973). Para ele,

toda e qualquer experiência cognitiva pode ser traduzida e classificada em qualquer língua. Desse modo, é preciso uma análise atenta às escolhas essenciais para a compreensão do texto.

A partir do estudo de Lefevere (1990/1992, *apud* RODRIGUES, 2000), entende-se que a tradução é uma reescritura do texto de partida. A fim de justificar esse pensamento, o teórico apresenta o poder das reescrituras para estabelecer novos conceitos, gêneros e mecanismos em uma sociedade. Ele se preocupa com o papel da tradução na cultura da língua de chegada, ao afirmar que a tradução abre caminho para a transformação, visto que põe uma cultura-fonte face a uma cultura-alvo. É com essas ideias em mente que se reforça o estudo da tradução, e de seu produto traduzido, em sala de aula.

A tradução na sala de aula de língua estrangeira deve ser percebida como um processo inserido no sistema maior formado por uma determinada cultura, como apresenta a teoria descritiva proposta por Toury (1995, *apud* RODRIGUES, 2000). O estudo tem por objetivo “descobrir a maneira pela qual as traduções moldam para satisfazer os objetivos do pólo receptor, e de como as funções que devem preencher influenciam sua produção”, segundo Rodrigues (2000, p. 13).

A postura do teórico era um contraponto ao modo radical do procedimento adotado até a década de 1970, que consistia em estudar a tradução sempre a partir do texto original. É importante destacar que, para Toury (1995, *apud* RODRIGUES, 2000), os textos são selecionados para tradução segundo razões ideológicas. Em um dado contexto sociocultural, a tradução pode ser vista como uma modalidade de reescrita que está sujeita a normas e coerções além daquelas que estão expostas pelo texto-fonte.

Isso ocorre pelas diferenças entre as línguas e pelas diferenças entre as tradições textuais e possibilidades do tradutor. Assim, ao adotar estratégias diferentes, tendo em vista as coerções socioculturais e os diferentes tipos de texto, tradutores, de uma maneira geral, podem obter resultados diferentes. E dessa pluralidade linguística de que trata o ato tradutório o processo de ensino e aprendizagem não pode escapar.

Outro aspecto a ser considerado quando se aborda a tradução em sala de aula de língua estrangeira é a questão de o material traduzido ser considerado “bom”, a partir da demonstração da fluência. Venutti (2002) discute a formação de identidades culturais por meio da tradução de textos de uma determinada cultura e seu efeito no sistema receptor. Ele argumenta que o desenvolvimento de estratégias de tradução, as escolhas lexicais, a seleção

dos textos e as formas de publicação das obras produzem, para literaturas estrangeiras, o que ele chama de “cânones domésticos”.

Assim, nesse processo, há exclusão de valores, debates e conflitos que não estão alinhados à agenda doméstica. Dessa forma, a formação de identidades culturais se torna um dos grandes “escândalos da tradução”. Com a criação desses estereótipos, “a tradução pode vincular respeito ou estigma a grupos étnicos, raciais e nacionais” (VENUTTI, 2002, p. 130). As ideias de Venutti (2002) se mostram relevantes neste projeto que busca discutir a tradução no ensino de língua estrangeira ao tempo em que trata da concepção de tradução como transcodificação linguística e cultural. Venutti (2002), ao refletir sobre os efeitos sociais de textos traduzidos, preocupa-se com o efeito de transparência da tradução, que camufla, de acordo com ele, as condições nas quais a tradução é produzida.

É válido considerar que este artigo tem como instrumento de análise textos pertencentes ao gênero jornalístico. Assim, para melhor caracterizar o objeto de estudo em xeque, discorreremos, na próxima seção, acerca do tipo de texto e de discurso que envolve este gênero. Na seção a seguir, será apresentado um estudo específico acerca do gênero jornalístico.

O gênero jornalístico

O estudo de gêneros tem se tornado um empreendimento cada vez mais multidisciplinar, pois engloba uma análise do texto e do discurso. Nesse sentido, entende-se discurso como o conjunto de valores acumulados durante toda a vida, o conhecimento adquirido, os usos coletivos da língua, que são sempre institucionalizados, legitimados por alguma instância da atividade humana socialmente organizada. O discurso se realiza nos textos, como mostra Costa (2008). As manifestações verbais concretas realizadas materialmente e corporificada em algum gênero textual (seja oral, seja escrito, seja online) são os textos. Eles realizam discursos em situações institucionais, históricas, sociais e ideológicas.

A partir daí, há os gêneros, entendidos como formas de ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. Todos os gêneros têm uma forma e uma função, bem como um estilo e um conteúdo, mas sua determinação se dá basicamente pela função, não pela forma. Cada gênero textual tem um propósito bastante claro, que o determina e lhe dá uma esfera de circulação.

Costa (2008, p. 21) exemplifica alguns discursos com alguns de seus gêneros correspondentes. Por exemplo, o discurso religioso compreende os gêneros prece/oração, ladainha, reza, sermão, parábola, dentre outros. Dentro do discurso jornalístico, estão os gêneros notícia, reportagem, editorial, crônica, artigo jornalístico, entrevista, além de outros. Os gêneros dissertação, tese, ensaio, resumo, resenha, artigo científico, dentre outros, fazem parte do discurso acadêmico.

Para Marcuschi (2008, p. 21), a noção de gênero textual é entendida como forma de ação social, e não como entidade linguística formalmente construída. Tomando como base essa definição, deve-se considerar como gênero construções escritas, orais, verbais e não verbais. “Hoje, gênero é facilmente usado para referir a uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias” (MARCUSCHI, 2008, p. 147).

De acordo com o autor, as noções de gênero, e também de língua, texto, compreensão e sentido, assim como o enfoque geral da abordagem, situam-se na perspectiva da visão sociointeracionista da língua. Assim, esse tipo de visão rejeita considerar a língua como um sistema autônomo e como simples forma. A linguagem é vista como um conjunto de atividades e uma forma de ação.

Marcuschi (2008) adota a ideia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos, vinculados à vida cultural e social. Assim, fazem parte das entidades sociodiscursivas e formas de ação social em qualquer situação comunicativa. No entanto, não se pode afirmar que os gêneros são instrumentos estanques. Isso engessaria a ação criativa e maleável da língua.

O autor José Marques de Melo (2003) propõe a seguinte organização dos gêneros jornalísticos:

- Gêneros informativos: nota, notícia, reportagem, entrevista, título, chamada.
- Gêneros opinativos: editorial, comentário, artigo, resenha ou crítica, coluna, carta, crônica.
- Gêneros utilitários ou prestadores de serviços: roteiro, obituário, indicadores, campanhas, “ombudsman”, educacional.
- Gêneros ilustrativos ou visuais: gráficos, tabelas, quadros, demonstrativos, ilustrações, caricatura e fotografia.
- Propaganda: comercial, institucional e legal.

- Entretenimento: passatempos, jogos, história em quadrinhos, folhetins, palavras cruzadas, contos, poesia, entre outros.

Entender como os estudiosos compreendem o significado de gênero tem importância acentuada neste trabalho, pois, a partir dessas reflexões, é possível atrelar os conhecimentos linguísticos à prática tradutória. Nesse sentido, é preciso considerar que, antes de iniciar o processo de tradução, cabe ao tradutor conhecer mais do gênero a que pertence o material com o qual está trabalhando.

Saber o tipo de texto, o objetivo da tradução e o público-alvo é essencial para que a tradução atinja a que se propõe. Assim, ter conhecimento das especificidades do texto e a mensagem que se espera obter com ele será importante para a escolha do léxico e, conseqüentemente, para a compreensão do leitor.

Por isso, ao tratarmos do gênero jornalístico, algumas considerações devem ser levadas em conta a fim de que os aspectos gerais da referida tipologia não sejam esquecidos na tradução. Na próxima seção, serão abordados argumentos acerca do uso da tradução de texto jornalístico em sala de aula de língua estrangeira.

A tradução do texto jornalístico em sala de aula

A falta de material adequado para o uso da tradução em sala de aula de língua estrangeira contribui para que o ensino de línguas no País não seja tão atraente para o aluno e seja tão problemático para o professor. Essa situação se torna ainda mais preocupante quando o contexto são as salas de aula do ensino básico regular – nas escolas da rede pública, principalmente. Nos cursos livres, a situação é considerada um pouco melhor, diante das ferramentas de que o professor dispõe e de certa liberdade no uso do material didático e do material extra. Essa liberdade, no entanto, é até cerceada quando se observa que o conteúdo programático do livro didático do curso precisa ser ministrado.

Ao fazer uso de um material do gênero jornalístico em sala de aula de LE, o professor utiliza um texto autêntico, veiculado em um determinado contexto, visando a um público-alvo específico. Esses aspectos devem ser levados em consideração ao se analisar uma tradução, tanto do ponto de vista da cultura-fonte quanto da cultura-alvo. Assim, não apenas o conteúdo publicado no texto (seja noticioso, seja opinativo) deve ser avaliado em sala de aula, mas também o contexto situacional em que está inserido.

Além disso, ao lidar com um material rico e vasto em conteúdo e forma, como é o produto jornalístico, o aprendiz de LE tem contato com textos que levam em conta as variações linguísticas que precisam ser desenvolvidas em sala de aula. Essas variantes diferentes contribuem para que o aprendiz volte sua atenção aos significados múltiplos da língua em diferentes contextos. Para o professor, o uso do material jornalístico (e de qualquer outro material extra autêntico) deve ser feito de forma complementar ao livro didático, que, em muitos casos, não tem atividades relacionadas à tradução como ferramenta no ensino de língua estrangeira.

Hurtado Albir (1998) lembra que a tradução é mais que um processo de transferência de palavras. É como um “processo de reexpressão do sentido que as palavras e frases adquirem no contexto” (Idem, p. 42). Desse modo, deve-se considerar sempre o “sentido produzido a partir da confluência dos elementos linguísticos e extralinguísticos (conhecimento da situação, do tema, dos códigos socioculturais etc) que intervêm na comunicação”. (Idem, p. 43)

Outro estudioso que também joga luz sobre a questão do contexto é Romanelli (2006), ao sugerir alguns benefícios advindos com a tradução:

A tradução força os alunos a refletirem sobre o significado das palavras dentro de um contexto, e não somente manipular formas gramaticais de modo mecânico, o que ocorre em muitos exercícios estruturais (ROMANELLI, 2006, p. 7)

É justamente observando esse contexto de que fala o autor acima que o texto jornalístico pode ser explorado em sala de aula de LE. A tradução pode, por exemplo, ser usada como instrumento para discussão da realidade, em um processo que leva o aprendiz a refletir e despertar sua capacidade crítica. O material deve ser atraente para o estudante. Não é válido levar para a sala de aula textos com assuntos complexos, totalmente exteriores ao contexto dos alunos ou que abordem assuntos que não fazem parte do meio em que os alunos vivem. Dessa forma, a atividade com a tradução perderia seu sentido, visto que os aprendizes em sala de aula não seriam motivados a lidar com assunto tão distante de seu ponto de vista.

Atkinson (1993 *apud* ROMANELLI, 2009) lista sugestões de atividades a serem usadas a partir da tradução. Tessaro (2012) também reproduz algumas práticas que podem ser usadas em sala de aula, a partir das sugestões de Atkinson (1993), Pedroso (2006), Balboni

(2011) e Ladmiral (2010). Citamos algumas abaixo e acrescentamos observações ao uso dos textos, optando pela esfera jornalística.

Atividade 1: Corrigir uma tradução errada. O professor produz textos que tenham palavras traduzidas de forma equivocada. Os alunos analisam os textos e devem corrigir essas traduções. Esse tipo de prática pode ser realizado com notícias sobre esportes (como jogos de futebol em campeonatos internacionais) ou resumos de filmes, que normalmente são transmitidos no mundo todo. Essa seleção ajuda os alunos a se concentrarem na prática, uma vez que normalmente já têm um conhecimento prévio sobre esses assuntos.

Atividade 2: Comparar versões diferentes de uma tradução. O professor pode trazer uma mesma notícia publicada em LE e depois divulgada em veículos diferentes, do país de língua materna (LM) dos estudantes. Os alunos podem analisar o contexto de publicação, as palavras escolhidas e observar quem é o público-alvo daquela notícia. Sugere-se que seja escolhida pelo professor uma notícia de alcance internacional, mas que atenda aos interesses dos estudantes da sala. Trabalhar com uma notícia sobre as mudanças no câmbio ou a reforma política e administrativa do Governo talvez não motive um grupo de adolescentes, por exemplo. Neste caso, seria mais adequado trabalhar com a notícia acerca de algum autor de livros ou de um esportista ou, ainda, de um ator conhecido pelos estudantes.

Atividade 3: Resumir a tradução. O professor pode distribuir em sala a tradução de algumas notas ou notícias curtas e pedir que cada aluno (ou grupo de alunos) faça o resumo daquela tradução. Logo depois, cada um apresenta oralmente o seu trabalho, além de mostrar uma síntese daquilo que leu. O professor pode optar por diferentes tipos de texto, como uma notícia, uma nota, uma coluna ou um artigo. Assim, pode também solicitar aos aprendizes que observem as características de cada tipo de texto, atentando para a forma da pessoa usada no texto (primeira pessoa ou terceira pessoa), para o nível de formalidade e para as expressões de emoção transmitidas no texto.

Atividade 4: Realizar uma tradução improvisada. O estudante ouve o texto em LE e, em seguida, traduz oralmente para a LM. Essa prática tem o intuito de observar a compreensão de um texto pelos alunos. O professor pode dividir a sala em duplas, de modo que haja alternância entre um que lê e outro que traduz. Neste caso, sugere-se que se faça uso de notas, que são informações mais curtas, com frases menores, para facilitar a audição e a compreensão do estudante.

Atividade 5: Dublar uma notícia. O professor pode mostrar um vídeo com notícias curtas e pedir que os alunos deem sugestões de tradução oral para aquela informação. Neste caso, seria oportuno observar os aspectos específicos desta técnica, como o movimento dos lábios dos apresentadores, o tempo de fala e o número de palavras/sílabas. Uma opção é trabalhar com vídeos em que os jornalistas apresentam informações sobre o tempo e o clima. Assim, o aluno já tem um recurso visual extra que pode auxiliá-lo na tarefa da tradução. O professor pode estimular, além disso, a discussão sobre os diferentes tipos de clima entre o país de LE e o país da LM do estudante.

Atividade 6: Crítica de tradução. Trata-se de fazer uma comparação crítica do texto original com a respectiva tradução. Aqui, podem ser usados apenas os títulos das matérias referentes a uma mesma notícia. O professor mostra o título em LE e, logo depois, apresenta aos estudantes as traduções que foram publicadas daquele mesmo título. Assim, os alunos comparam quais mudanças foram feitas. Pode ser verificado o léxico escolhido e o professor pode incitar uma discussão sobre os motivos que levaram àquela escolha. Faz-se necessário observar o contexto de publicação e o perfil do leitor daquele veículo.

Atividade 7: Tradução de falsos cognatos e expressões idiomáticas. O professor deve buscar textos jornalísticos que tenham falsos cognatos e expressões idiomáticas e solicitar aos alunos que sugiram uma tradução para aquele contexto. O docente pode também apresentar traduções em LM, se houver, para aquela situação e pedir que os aprendizes analisem. Pode ser trabalhada, nesta situação, a noção de equivalência e ambiguidade. Isso pode evitar erros posteriores ao mesmo tempo em que contribui para aumentar o léxico do aprendiz.

Os exercícios de tradução colaboram para uma formação crítica durante o estudo intercultural, de LE e LM, além de permitirem uma participação mais ativa e motivada dos estudantes. Como técnica pedagógica, a tradução não pode ser usada em sala de aula como mais uma atividade mecânica. Há uma gama de exercícios ao dispor do professor, que deve estimular a discussão e a reflexão em sala. Assim, ela deve ser incluída em sala de aula como instrumento no processo de ensino-aprendizagem de LE de forma mais atraente e envolvente.

Considerações finais

É necessário mencionar que, assim como qualquer outro instrumento de ensino-aprendizagem, a tradução deve ser usada com moderação, seguindo sempre o curso dos aprendizes. Neste trabalho, a ideia é mostrar que a tradução é um caminho possível em sala de aula de língua estrangeira. Pode, sim, ser uma aliada do professor e do aluno, quando usada como instrumento didático.

Ao permitir que a tradução seja utilizada, por meio de exercícios bem elaborados e previamente planejados, os agentes do processo ensino-aprendizagem ganham em conscientização quando estudam a linguagem adequada para cada texto específico assim como desenvolvem consciência crítica ao promover a análise conforme cada contexto. O professor tem estimulada sua constante atualização quanto aos métodos da educação, e o aluno tem incentivada sua participação na aula – indispensável para compensar o poder, outrora hierárquico, em sala de aula.

Com o uso dos textos jornalísticos em atividades de tradução, o professor tem à disposição um material heterogêneo em forma e conteúdo. Isso não pode ser deixado de lado. A especificidade do gênero, o caráter referencial e informativo, a tipologia textual, a função do texto, o contexto de publicação, o perfil do público leitor e a discussão da informação transmitida são alguns dos temas que podem ser discutidos em sala, para além da tradução. É uma forma de refletir também acerca da interculturalidade entre os países envolvidos, por meio do uso de textos autênticos. Além disso, o professor tem a oportunidade de trabalhar com assuntos que aguçam o interesse dos estudantes, visto que os veículos de comunicação de massa, em geral, abordam temas diversos para distintos públicos.

É necessário, assim, reforçar o uso da tradução pedagógica em sala de aula. Com este trabalho, não se quis oferecer verdades incontestáveis, mas contribuir para o aprimoramento das aulas de LE, despertando a consciência do professor para outras formas de reexpressão de construções do aprendizado.

Referências

ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Célia; PAGANO, Adriana. **Traduzir com Autonomia: estratégias para o tradutor em formação**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BRANCO, Sinara O. Teorias da tradução e o ensino de língua estrangeira. **Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 8, n. 2, p. 185-199, 2009.

COSTA, Ana Paula A.T. da. **Traduzir para comunicar**: a tradução como componente comunicativo no ensino-aprendizagem de inglês como língua estrangeira. Dissertação não publicada. Brasília: Universidade de Brasília, 2008. Disponível em:

<http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/3683/1/2008_AnaPaulaAlvesTorresCosta.pdf>

COSTA, Sérgio. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HURTADO ALBIR, A. (1988). “Hacia un enfoque comunicativo de la traducción” In: **II Jornadas Internacionales de Didáctica de Español Lengua Extranjera**, Ministerio de Cultura, Madrid, p. 53-79.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. (trad. de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes.) 6 ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3 ed. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 2003.

RIDD, Mark D. Apresentação do organizador. **Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 8, n. 2, p. 142-149, 2009.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. **Tradução e Diferença**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

ROMANELLI, Sergio. O uso da tradução no ensino-aprendizagem das línguas estrangeiras. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 8, n. 2, p. 200-219, 2009.

_____. Traduzir ou não traduzir em sala de aula? Eis a questão. **Revista Inventário**, nº 05, pp.1-10, 2006. Disponível em: <http://www.inventario.ufba.br/05/05sromanelli.htm>

TESSARO, Annye Cristiny. **A tradução no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras a distância**: o curso de Letras-Espanhol da UFSC. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2012. Disponível em: < <http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/96142> >

SOUZA, Daniela N. de. **Uma análise descritiva das estratégias para traduzir um artigo de opinião de Friedman para o jornal O Povo**. Monografia. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará (Uece), 2014.

VENUTTI, Lawrence. **Escândalos da Tradução**: por uma ética da diferença. (trad. Laureano Pelegrin, Lucineia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo). Bauru, SP: Edusc, 2002.